



Instituto
Renovado



CAPELANIA EVANGÉLICA

Pr. Prof. Evanio das Graças Donato

***Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita:
Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do
reino que vos está preparado desde a fundação
do mundo. Porque tive fome, e me destes de
comer; tive sede, e me destes de beber; era
forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me
vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e
fostes ver-me. Então, perguntarão os justos:
Senhor, quando foi que te vimos com fome e te
demos de comer? Ou com sede e te demos de
beber? E quando te vimos forasteiro e te
hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te
vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei,
respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo
que, sempre que o fizestes a um destes meus
pequeninos irmãos, a mim o fizestes.(Mateus
25 : 34 - 40)***

Conteúdo do Curso

Capelania Social

Capelania Hospitalar

Capelania no Luto

Capelania Prisional

CAPELANJA EVANGÉLICA

É um projeto assistencial religioso prestado por ministro religioso, garantida por lei em entidades civis e militares de internação coletiva.

É um trabalho de assistencialismo, com base espiritual, prevista e garantida pela Constituição Federal de 1988, sob a Lei 6.923 Art. 5º Inciso VII.

...e assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;...

Tem como missão colaborar na formação integral do ser humano, fornecendo oportunidade de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios ético-cristãos.

O QUE É UM CAPELÃO E O SEU PAPEL

Capelão é um assistente religioso e social que tem como função primordial completar o atendimento dispensado à pessoa, inculcando nos familiares e o senso de tranquilidade e confiança, preparando psicologicamente, para as adversidades que se prosseguirá.

Esses familiares necessitam de amizade, compreensão e amor, e eles esperam encontrar tudo isso no capelão que é um ministro religioso.

COMO SURTIU A CAPELANIA

Conta-se que na França, um oficial Sgtº. Martinho ao encontrar um homem abandonado na rua debaixo de chuva e frio, cortou sua Capa e o cobriu num ato de solidariedade, humanismo, caridade, ajuda e amor ao próximo. Ao morrer, esta capa foi levada como uma relíquia para a Igreja para ser venerada. Esta igreja recebeu o nome de "Igreja da Capa". Daí as derivações Capela, Capelão e Capelania.

COMO SURTIU CAPELANIA NO BRASIL

O ofício começou na área militar, em 1858, com o nome de "repartição eclesiástica". O serviço foi abolido em 1899. Durante a segunda guerra mundial, em 1944, o serviço foi restabelecido com o nome de "Assistência Religiosa das Forças Armadas", só que na mesma época foi criada também a Capelania Evangélica para assegurar a presença de capelães evangélicos.

O Pastor João Filsen Soren, foi o grande capelão evangélico que marcou época durante a segunda guerra mundial. Ele era pastor da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, e depois que voltou, são e salvo, permaneceu pastoreando a mesma igreja por mais de 50 anos. Faleceu em 2002.

DIFERENÇAS ENTRE O TRABALHO DO PASTOR E O DO CAPELÃO

Nem sempre um capelão precisa ser um pastor ou uma pastora sabe porquê?

O Pastor cuida de um rebanho, um grupo que se reúne costumeiramente em um lugar (templo), composto de pessoas de diversos níveis sociais, portadora de uma experiência comum (a conversão), e que ali se congregam para adoração e instrução espiritual com o objetivo de fazer o rebanho crescer dentro dos princípios doutrinários e éticos adotados pelo seu grupo ou denominação.

O Capelão não tem um rebanho costumeiro. Algumas das pessoas alvo de atendimento pelo capelão podem até pertencer a uma igreja, ter um pastor, mas nas circunstâncias em que estão, precisam de atendimento eventual e especial. Como é o caso de um paciente hospitalizado. Ou seja, o capelão não lida com um grupo para fazê-lo crescer dentro do seu contexto, mas lida com pessoas, individualmente, cada uma com problemas próprios.

A tarefa do capelão é levar a pessoa a acertar o seu relacionamento com Deus, sem qualquer cor denominacional, mostrando a salvação através de Cristo Jesus.

DIREITOS DO CAPELÃO

- ▷ Ter acesso garantido àqueles que assim o solicitam.
- ▷ Ser respeitado no exercício de sua função.
- ▷ Não ser discriminado em razão de sexo, raça, cor, idade ou religião que professa.

DEVERES DO CAPELÃO

- Acatar as determinações legais e normas internas de cada instituição.
- Respeitar as regras de higiene e paramentação do ambiente.
- Zelar pelo cumprimento das leis do país.
- Exercer a capelania sem discriminação de raça, sexo, cor, idade ou religião,

DIREITOS DO ASSISTIDO

- Ser respeitado no momento de sua dor.
- Ser tratado com a verdade, sem ferir os princípios de preservação de sua integridade física e moral.
- Ter sua religião e crenças respeitadas.
- Ter resguardada sua individualidade e liberdade de pensamento.

O PERFIL DO CAPELÃO CRISTÃO

- Ter tido uma experiência pessoal de conversão.
- Ser vocacionado para o ministério.
- Ter conhecimento bíblico.
- Ser humilde e entender que não é melhor do que ninguém.
- Ter um alvo – não ficar perdido, sem objetivo no que vai fazer.

- Ser paciente.
- Ter autocontrole emocional.
- Não ficar impressionado com aspecto físico do paciente, seja qual for.
- Ter boa saúde física e psicológica.
- Ter humor estável.
- Ter tato e profundo respeito às outras opiniões religiosas.
- Ter facilidade em cumprir ordens.
- Ser perseverante e abundante na obra, no trabalho que abraçou.
- Não se irritar facilmente.
- Saber controlar a língua, usando-a para curar e não ferir.
- Saber guardar confidências.
- Saber cuidar da aparência pessoal.
- Dar tempo e atenção à pessoa visitada.
- Saber “ouvir” para depois “falar”.
- Ser pessoa de oração, “orar sem cessar” , conforme ensina a Bíblia.

CAPELANIA SOCIAL

A capelania social é a assistência que tem como missão estar a serviço dos excluídos da sociedade, participando da construção solidária da cidadania, priorizando o desenvolvimento humano, a

educação a proteção ambiental, e auxilia tanto socialmente, quanto economicamente.

A capelania social é um modo de apoiar as pessoas na busca de uma infraestrutura necessária para sua existência com cidadão. O homem é um ser pleno.

Um capelão assistencial é treinado e capacitado para atender a sociedade como um todo, como um bom samaritano, conselheiro e amigo de todos os feridos e machucados.

Há uma importância imensa para Deus, no relativo a dar assistência aos que estão com fome, sede, nus, conforme escrito em Mateus 25:35-36.

Vejamos alguns versículos bíblicos:

Êxodo 22:22 – “A nenhuma viúva nem órfão afligireis”; 23:6 – “Não perverterás o direito do teu pobre na sua demanda.”

Levítico 19:15 – “Não farás injustiça no juízo; não farás acepção da pessoa do pobre, nem honrarás o poderoso; mas com justiça julgarás o teu próximo”; 23:22 – “Quando fizeres a sega da tua terra, não segarás totalmente os cantos do teu campo, nem colherás as espigas caídas da tua sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixará. Eu sou o Senhor vosso Deus.”

Mateus 5:16 – *"Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem ao Vosso Pai, que está nos céus".*

Anotações

-Instituto Renovado de Ensino -

ATIVIDADE AVALIATIVA DO CURSO DE CAPELANIA CRISTÃ

Nome: _____

Zap: _____

e-mail: _____

Marque as alternativas ou a alternativa correta

1- A capelania Cristã:

- () É um projeto assistencial religioso.
- () É garantida por lei em entidades civis e militares.
- () Tem como missão estar a serviço dos excluídos da sociedade.
- () Tem como missão colaborar na formação integral do ser humano.
- () Leva o cidadão a ter uma religião.

2- O capelão:

- () é um assistente religioso e social.
- () cuida de um rebanho.
- () Deve ter conhecimento bíblico
- () Não se irrita facilmente.

3- Surgimento da capelania

- () começou na área militar, em 1858.
- () *Pastor João Filsen Soren, foi o grande capelão evangélico.*

4- Quanto ao trabalho do capelão em relação ao trabalho do pastor.

- () cuida de um rebanho
- () não tem um rebanho costumeiro.

5- São deveres do capelão

- () Respeitar as regras de higiene e paramentação do ambiente.
- () Criar as regras de higiene e paramentação do ambiente.
- () Exercer a capelania sem discriminação de raça, sexo, cor, idade ou religião.



Capelania Hospitalar

Prof. Evanio das G. Donato

Capelania Hospitalar

A capelania hospitalar tem como sua principal função levar o amor de Cristo aos enfermos.

Esta é a principal missão da Capelania Hospitalar, que, através de gestos de solidariedade e compaixão, levar a Palavra de Deus não só aos pacientes, mas também aos seus familiares, sem esquecer ainda dos profissionais de saúde, tantas vezes vivendo situações de estresse ou mesmo passando por momentos difíceis. Sendo assim, os capelães devem respeitar a religião de cada paciente sem impor nada, apenas levar a Palavra àqueles que desejarem.

O que faz um capelão?

O capelão, integrante da equipe multidisciplinar de saúde, é uma pessoa capacitada e sensível às necessidades humanas, dispondo-se a dar ouvidos, confortar e encorajar, ajudando o enfermo a lutar pela vida com esperança em Deus e na medicina. Oferece aconselhamento espiritual e apoio emocional tanto ao paciente e seus familiares, como aos profissionais da saúde. É importante elo com a comunidade local.

REAÇÕES DO ENFERMO PERANTE A DOENÇA

Diante da enfermidade a pessoa se vê tolhida de sua liberdade de ser ela mesma, não pode desempenhar suas atividades e sente-se ameaçada quanto a seu viver ou futuro.

A reação diante de tudo isso é uma atitude psicológica chamada de MECANISMO DE DEFESA, classificada como inconsciente.

Eis algumas reações dessa natureza:

■ **REGRESSÃO** – O paciente se torna dependente dos outros, sem autonomia, adotando atitudes infantis, exagerando desproporcionalmente a gravidade do seu caso; reclama sem fundamento e constantemente do atendimento e da alimentação; queixa-se que os parentes ou conhecidos não o visitam.

■ **FORMAÇÃO REATIVA** – Os impulsos e as emoções censuradas como impróprias assumem uma forma de expressão contrária, aceitável para o consciente. No caso de doenças longas ou piora gradativa, o paciente afirma que está sendo perseguido pelos funcionários do hospital, adotando uma atitude defensiva e agressiva, pois estes representam sofrimento para ele. Pragueja, xinga, acusa os familiares de falta de interesse, que os médicos são irresponsáveis.

■ **NEGAÇÃO** – Ao tomar conhecimento do diagnóstico, o paciente se recusa a aceitar que esse problema de saúde é dele. A negação funciona como uma proteção contra a angústia. Ele acha que o resultado está errado, que outro médico deve ser procurado e continua tentando viver como se a enfermidade não existisse, evitando falar sobre o assunto. A negação pode ocorrer em crentes que adotam uma atitude triunfalista ao afirmarem: “Em nome de Jesus já estou curado, Deus não permitirá que eu seja operado”.

REAÇÕES DOS FAMILIARES DO ENFERMO

A família acaba sendo afetada e as reações negativas podem ser a de estresse psíquico, ocorrendo desgaste físico e até depressão. A família se organiza nas suas funções, ocorrendo sobrecarga para alguns membros familiares e até a omissão de cuidados. A vida socioeconômica também pode mudar radicalmente devido as perdas. Os familiares prejudicam o tratamento se forem excessivamente desconfiados em relação à equipe do hospital, com muitos questionamentos ou palpites. Alguns familiares se sentem culpados ou transferem a culpa ao paciente. Também podem se sentir vítimas do destino, castigo de Deus ou retaliação do inimigo. O enfermo muitas vezes precisa se esforçar para acalmar a família. Conforme a enfermidade, alguns familiares entram em crise de desespero, tirando a tranquilidade do paciente.

QUALIFICAÇÕES PARA VISITAÇÃO

- Vários requisitos necessários do visitador:
- Ter sabedoria e humildade para saber que você não é melhor do que ninguém;
- Cultivar uma personalidade amável, agradável, cativante;
- Ter habilidade de comunicar-se;
- Ter humor estável;
- Ter respeito às opiniões religiosas divergentes;

- Ter discernimento e sensibilidade na conversação;
- Saber guardar as confidências dos pacientes;
- Saber usar a linguagem e forma de abordagem a cada pessoa;
- Dar tempo e atenção ao paciente visitado;
- Ter sensibilidade para com discrição, sentir quando é o momento mais oportuno para visitar;
- Saber evitar a intimidade e não invadir a privacidade alheia;
- Saber ouvir.

PRINCÍPIOS A SEREM OBSERVADOS NA VISITAÇÃO A ENFERMOS

- Bater à porta.
- Pedir licença ou cumprimentar só verbalmente (a menos que o paciente estenda a mão).
- Se apresentar como pastor (a); obreiro (a).
- Se oferecer para orar (respeitar as negativas) pedindo o favor de abaixar o volume do rádio ou TV.
- Convidar as pessoas do ambiente pra ouvirem a leitura bíblica e oração.
- Caso o enfermo estiver no banho, fazendo curativos ou algum exame, RETORNE POSTERIORMENTE
- Se a enfermeira estiver atendendo o paciente ou o médico estiver presente no quarto, RETORNAR POSTERIORMENTE.

■Se o paciente está com algum mal-estar (vômito, dor, confuso), abreviar a visita.

■Às vezes o paciente faz as seguintes solicitações: para ajeitá-lo no leito, pede água ou algum alimento, solicita medicação. TODAS essas solicitações devem ser atendidas pelo serviço de enfermagem. Por isso, responda ao paciente que ele deve fazer esse pedido a enfermeira, ou em alguns casos (queda do paciente, escapou o soro) avisar o ocorrido no posto de enfermagem.

■Em alguns casos quando o paciente apresenta um quadro de contaminação, é colocado um cartaz de alerta e de instruções na porta do quarto. Na dúvida, perguntar no posto de enfermagem e que deve fazer para entrar no quarto (utilizar máscara, luva, etc).

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

O objetivo da visita NÃO É doutrinação, mas atender à necessidade do paciente; a visita deve ter um propósito: conforto, consolo para quem sofre. Muitas vezes, a tentação de “pregar” e apresentar o seu discurso faz com que muitos se esqueçam de que estão num hospital, desvirtuando, assim, todo o propósito da visita;

■Quando tiver dúvidas sobre a situação do paciente, procure a enfermeira.

■Ter discernimento para dosar o tempo da visita;

■Não demonstre “pena” do paciente;

■Mostre seu interesse pelo paciente, mas sem exageros;

■Preste atenção naquilo que o paciente está falando, verificando quais são suas preocupações;

■Não conduza a sua conversa de tal maneira que exija do paciente grande concentração e esforço mental para acompanhar (ele pode estar sob o efeito de medicamentos);

■Ao paciente que acha que não será curado, encoraje. Mas, faça-o com prudência, sem promessas infundadas;

■Não fale sobre assuntos pavorosos;

■Nunca pratique atos exclusivos de auxiliar de enfermagem, tais como: dar água ou qualquer alimento, ou locomover o paciente, mesmo que seja a pedido dele;

■Nunca discuta sobre a medicação com os pacientes;

■Mantenha os segredos profissionais (num leito de hospital o paciente fala muita coisa de si mesmo e de sua vida pessoal);

■Nunca comente nos corredores do hospital, ou fora deles, o tipo de conversa ou encaminhamento de sua entrevista mantida com o paciente;

■A ética deve ser rigorosamente observada. Tome muito cuidado!

■Não cochiche! Pacientes apresentam alto nível de desconfiança;

■Aproveite a oportunidade como se fosse a única. Na medida do possível, o ministério junto ao enfermo, dentro de um hospital deve ser completo, numa "dose única";

■Evite a intimidade excessiva, não invadindo a privacidade alheia (tanto do paciente quanto do seu acompanhante);

■Respeite a liberdade do paciente quando ele não quiser (ou não estiver preparado para) falar sobre seus problemas;

■Nunca tente ministrar o enfermo quando ele está sendo atendido pelo médico ou pela enfermeira, ou quando estiver em horários de refeições, ou quando a situação impossibilite (familiares, telefonando ou algo importante que ele está assistindo na TV);

■Não faça promessas de qualquer espécie (cura, conseguir medicação, maior atenção dos profissionais de saúde, transferências, conseguir entrevista com o diretor). O próprio hospital tem meios de solucionar essas solicitações;

■Em caso de possessão demoníaca, elas precisam ser discernidas;

■Preste atenção nos cartazes afixados na porta do quarto, pois eles orientam por qual motivo você não pode entrar naquele momento ou quais os cuidados você deve tomar ao entrar no quarto. Talvez seja proibida a entrada por causa de curativo, troca de bolsa em pacientes renais, proibição de visita por ordem médica. O paciente pode estar isolado por causa de problemas de contágio e o cartaz estará orientando se for necessário utilizar máscara, jaleco, luvas ou evitar tocar no paciente. Também pode estar tomando banho;

■Evitar apertar a mão do paciente, a não ser que a iniciativa seja dele;

■Nunca sentar-se na cama do paciente, evitando assim contaminar o doente ou ser contaminado por ele. Quando o paciente está em cirurgia, os lençóis ficam enrolados, não devendo NINGUÉM sentar ali;

■Procurar estar numa posição em que o paciente veja você;

■Cuidado se a sua voz for estridente;

■Se for insultado, reaja com espírito cristão;

■Em suas conversas, orações, leituras de textos, fale em tom normal. Evite a forma discursiva e com voz estridente, a não ser que seja em ambiente amplo.

- Observar se o paciente está com mal-estar (náuseas ou dor), procurando abreviar ao máximo a visita.

ATITUDES ADOTADAS PERANTE O PACIENTE E O CORPO CLÍNICO:

Para o paciente, o médico é a pessoa mais importante no hospital, em quem ele deposita a sua confiança. É a visita que ele deseja ansiosamente; portanto, quando chegar o médico, procure encerrar o assunto ou oração ou retirar-se discretamente. Evite dar palpites sobre o tratamento do paciente ou sobre a conduta do médico. Procure trabalhar em harmonia com o pessoal da enfermagem, pois os pacientes dependem deles.

APLICAÇÃO BÍBLICA

Sabemos que a enfermidade é proveniente da raça humana em pecado. Em muitas situações a enfermidade surge por culpa direta do próprio indivíduo que não cuida do seu corpo como deveria, ou por causa da violência urbana. Mesmo que o indivíduo seja culpado de sua situação, devemos levar-lhe uma mensagem que Jesus deseja lhe dar saúde total, tanto no corpo como na alma, pois Ele disse: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10).

A mensagem que se deve trazer ao enfermo é a mensagem bíblica de esperança e consolo. Essa mensagem é verbal através da leitura bíblica, oração e aconselhamento. Também, através de expressão

corporal, tais como expressão de carinho, sorriso e demonstração de empatia.

Encontraremos na Bíblia textos relacionados às mais diversas necessidades do ser humano. São esses textos que devem ser apresentados aos pacientes na esperança de despertar de fé nas promessas de vida.

Eis alguns assuntos relacionados ao estado de espírito dos pacientes:

- Aflição – Salmos 34:19 – 86:1 – 119:107 – João 14:1,27
- Angústia – Naum 1:7 – Salmo 4:1 – 18:6 – 60:11 – 119:50
- Ansiedade – Sal 46:10 – Mateus 6:31-34 – Filipenses 4:6-7 – I Pedro 1:7
- Cansaço – Mateus 11:28-30
- Choro – Salmos 30:2-5 – Apocalipse 21:4
- Desânimo – Salmos 42:11 – Prov 18:14 – Filipenses 4:13 – Hebreus 12:3
- Deus se compadece – Is 38:18 – Lamentações 3:22-26 – 2 Coríntios 1:3-5
- Direção divina – Salmos 37:5 – João 3:27
- Dor – Salmos 41:3 – Isaías 43:4,5
- Fraqueza – Deut 32:39– Sal 31:24– Is 12:2– 41:10– Os 6:1– 2 Cor 12:7-10
- Impaciência – Salmos 27:13-14 – 37:8
- Medo – Salmos 34:4
- Morte – Ezequiel 18:32 – Salmos 68:20 – Hebreus 2:14-15
- Oração – Salmo 5:1-3 – 66:20 – Lucas 11:9-13

- Fonte: <http://cafebicapelania.blogspot.com.br/2009/10/capelania-hospitalar.html>

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Capelania No Luto

Prof. Evanio das G. Donato

INTRODUÇÃO

O viver e o morrer são duas situações. Da mesma forma a chegada e a partida. Alguém certa vez definiu este mundo como um porto, onde se chega, se vive e um dia se parte. Ao chegarmos trazemos alegrias para aqueles que nos esperam e ao partirmos, deixamos saudades, lágrimas e dor aos que aqui ficam. Raríssimos são os casos em que este sentimento não é deixado como legado.

COMPREENDER O LUTO

A perda de uma pessoa querida é uma das experiências mais dolorosas da vida. É uma experiência que cedo ou tarde todos teremos de enfrentar. A dor é um componente da nossa vida, e aprender a lidar com ela faz parte do nosso processo de maturação.

Durante nossa vida iremos sempre nos deparar com perdas diversas: materiais, físicas, profissionais, de posição social, etc. Também, certamente, iremos nos deparar com a perda de uma pessoa muito querida. E esta é em geral a mais intensa e desagradável por tratar-se de uma perda de um ser humano e por ser sem retorno. A dor ligada a essa perda chama-se luto.

A intensidade do luto depende de alguns fatores:

1 - AS CIRCUNSTÂNCIAS QUE RODEJAM A MORTE DA PESSOA.

Os sobreviventes reagem de diferentes modos diante da perda de pessoas por câncer, acidentes ou suicídio. Não há homogeneidade de reações. E quanto mais longa é a antecipação da morte e maior a possibilidade de falar sobre ela, tanto mais fácil se torna enfrentá-la.

Na realidade quase ninguém está suficientemente preparado para a morte, por mais que saiba e pense no momento final de sua vida.

A morte, atualmente, foi se tornando um tema proibido. Das crianças se oculta a morte e os mortos, dizendo: "Vovô foi fazer uma longa viagem", ou: "Está descansando num bonito jardim". Mas estas mesmas crianças assistem, ao pé da cama dos moribundos, às solenes cenas de despedida.

Em nossa sociedade produtivista e progressista, busca-se falar o menos possível da morte. Os novos costumes exigem que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas. Quando, porém, apesar de tudo, é necessário fazer alusões a ela, recorre-se a eufemismos que ajudam a disfarçá-la. Assim, dentro de um hospital, o paciente não morre: "expira", "vai a óbito", ou, se está agonizando, é "paciente com síndrome de JEC" (Jesus está chamando). Designa-se, cada vez mais, o morrer como algo impessoal e os mortos como coisas, tudo isso visando encobrir-se com isso a morte.

Hoje o ideal é que as pessoas morram sem se dar conta de sua morte, sem jamais saber que o seu fim se aproxima. Nesse sentido, os familiares cuidam disso e podem contar com a cumplicidade pessoal médica. Os sinais que podem alterar o doente de seu real estado são cuidadosamente afastados, a começar pela presença do sacerdote. O pastor às vezes é chamado à cabeceira do leito do moribundo quando este já perdeu a consciência ou quando definitivamente está morto.

Um dos fatores importantes nessa mudança de atitude foi o deslocamento do lugar da morte: ela moveu-se do lar para o hospital. Médicos e enfermeiras substituíram a família. Uma pessoa agonizante tornou-se um doente terminal. Se a morte parece iminente e os membros da família ali estão, são geralmente mandados para fora do quarto. E, na maioria dos hospitais, crianças nem entram. Talvez para protegê-los do choque da morte. Para dar aos médicos e enfermeira

liberdade de usar medidas extremas, se necessário. Para evitar experiências traumáticas para outros parentes se um dos familiares entrasse em pânico. Todas medidas razoáveis, mas deixam as pessoas cada vez mais despreparadas para enfrentar a experiência da morte.

2 - A RELAÇÃO ENTRE A PESSOA QUE MORRE E OS QUE FICAM.

O tipo de relação tem seu peso no suportar a dor da separação. Se houve uma relação estreita, de ajuda, ou existiam tensões, mal entendidos, agressões. Será muito duro para um pai aceitar o suicídio do filho que nunca tratou com amor, carinho e atenção. Será muito duro um cônjuge aceitar o suicídio da companheira ou companheiro que nunca tratou com amor, carinho e atenção. Pois o suicídio é algo extraordinariamente duro de se enfrentar por parte dos sobreviventes por ser evitável. Má saúde, incluindo a dor. decepções amorosas, solidão, conflitos conjugais; remorso, vergonha, fracasso profissional ou nos negócios; problemas financeiros; desgraça; perda de posição - são algumas razões que levam ao suicídio, e, que aumentarão em muito a dor, especialmente se acompanhada do sentimento de que a tragédia podia ter sido evitada.

3 - OS RECURSOS COMUNITÁRIOS ACESSÍVEIS AOS ENLUTADOS.

Nestes momentos de dor é necessário o apoio da família e amigos e a presença dos membros da Igreja ou da pessoa do pastor que são os recursos comunitários. A pessoa enlutada que vive a experiência da participação e da sustentação da comunidade, a quem se dá tempo e espaço para recontar sua história, que se sente aceita e consolada, seja qual for a intensidade de sua dor, sairá de seu estado interior com gratidão.

4 - OS RECURSOS INTERIORES DA PESSOA ENLUTADA

A perda de uma pessoa amada pode representar uma ocasião de abatimento ou de crescimento. Isso vai depender de como se utiliza a fé, e qual o peso que tem as lembranças passadas na caminhada rumo à recuperação. Em geral, os enlutados se tornam mais sensíveis e voluntariosos em relação a pessoas que passam pela mesma experiência, se são apegadas à Deus e usam com sabedoria as lembranças passadas.

A reação a esta perda, a nível físico, emocional, espiritual e social varia de pessoa para pessoa, e pode depender das circunstâncias que rodeiam a morte: o tipo de relacionamento que existiu entre o falecido e o enlutado... a força que a pessoa tem... e a qualidade do mecanismo de defesa da pessoa. Certamente, uma pessoa que pode contar com uma autoimagem positiva, com uma capacidade de se relacionar facilmente, com uma fé para se apoiar e com uma disposição para tomar iniciativas, agirá melhor do que uma pessoa que tem uma individualidade pouco nítida, que tende a se retrair antes de se envolver, que tem dificuldade em aprender através do sofrimento e que tem medo de assumir os riscos.

Assim como leva tempo para amar, também leva tempo para esquecer. Dizem: "O tempo cura". O tempo, por si só, não cura. Se uma pessoa que sofre, se sentar a um canto esperando que o tempo cuide de sua amargura, perceberá que o tempo não fará coisa alguma. Segundo Lindemann, esta tarefa que se segue à morte envolve três elementos: desligar-se dos laços que nos ligavam ao falecido, reajustar-se ao ambiente onde a pessoa morta não faz mais parte e formar novos relacionamentos. Tudo isto dá trabalho.

No entanto, a religião proporciona apoio, significado, consolo e esperança para o futuro. Os cristãos acreditam que o Espírito Santo que vive em cada crente oferece um conforto e paz sobrenaturais em épocas de luto.

O ESTADO EMOCIONAL

A experiência do luto envolve toda a pessoa: o corpo, os sentimentos, o espírito, o estilo de vida. A melhor maneira para ajudar é compreender aquilo que a pessoa enlutada está atravessando nos vários níveis de seu ser. Divide-se, em geral, as reações do enlutado em quatro grupos:

1 - REAÇÕES FÍSICAS

A perda da pessoa amada produz mudanças no corpo, altera as funções digestivas, circulatórias e glandulares. As reações físicas mais imediatas são gritos, desmaios, a impressão de secura na boca, de tenção na garganta, a respiração curta. As reações físicas posteriores mais comuns são a dor no peito, dor de cabeça; a sensação de compressão na cabeça e pescoço; a perda do apetite, nenhum desejo de comer, a comida parece areia; a perda do sono, dificuldade de adormecer, acordar súbito, noites que parecem eternas: perda da força física, qualquer coisa deixa a pessoa cansada e exausta; a perda da concentração, sentimento de inutilidade; perda do desejo sexual. Estes sintomas em geral fazem parte do processo natural da recuperação física. Muitas vezes a pessoa enlutada torna-se verdadeiramente ansiosa e obsessiva em face a qualquer outra pequena dor súbita, real ou imaginária, teme morrer. Outras vezes, deixa-se ir, e a saúde se deteriora; procura vencer o sofrimento, fumando excessivamente e bebendo, descuidando-se da alimentação, etc. As estatísticas mostram um alto nível de mortandade entre as pessoas que enviuvaram.

2 - REAÇÕES EMOTIVAS

São geralmente mais difíceis de serem controladas. Podemos dividi-las em três fases principais:

2.1 - Choque e negação: Expressões como: "Digam-me que não é verdade", "não posso ainda acreditar que tenha acontecido", são indicadores de uma fase de ajustamento à realidade que pode durar até cerca de três anos. Em alguns casos, parentes se recusam a aceitar que se ente querido morreu, procuram acordá-lo, dizem que é hora de parar de fingir e ir para a casa. Preferem crer que foi um sonho e que de algum modo em algum lugar, a pessoa amada reaparecerá. Uma viúva poderá continuar a preparar o mesmo número de pratos na mesa. Um viúvo volta do trabalho esperando ouvir a voz de sua mulher na casa. Muitas vezes as pessoas não choram e aí são tidas como emocionalmente fortes: "Que serenidade a fé lhe dá!" No entanto, esta pessoa pode estar experimentando um estado temporário de anestesia emocional. E que dentro de horas, ou dias, sentirá a realidade da perda. Pode ser bem mais difícil entender a dura realidade, nesse estado, quando sair da anestesia. Quanto antes o afetado tem que tratar pessoalmente de seus problemas imediatos e tomar decisões, tanto melhor. Há pessoas que não conseguem expressar suas emoções. Os homens, em geral, procuram não expressar suas emoções e seus sentimentos. Talvez seja pela própria formação que receberam de que "homem que é homem não chora". Reter a emoção poderá causar graves problemas. O choro é uma manifestação de descarga e alívio. Na Escritura temos relatos que, quando grandes calamidades abalavam os grandes homens na fé, eles choravam amargamente. Chorar a morte de uma pessoa faz muito bem. Reprimir a emoção é causar dano ao próprio corpo.

2.2 - Raiva e depressão: A raiva é uma reação aos nossos sentimentos de frustração ou de injustiça súbita. É dirigida contra pessoas determinadas que tiveram relação com a morte: um médico, Deus mesmo, alguma pessoa mais próxima, o próprio morto, os amigos, membros da família e o mundo em geral. São estas reações que permitem ao ser humano sobreviver e reencontrar-se na vida, enquanto a depressão os leva a retirar-se da vida, a isolar-se de maneira perigosa. Em determinado momento nos sobrevém um profundo sentimento de depressão. É como se Deus não estivesse mais no céu, como se Deus não se interessasse mais por nós. É uma sensação de profunda depressão e isolamento. E uma das melhores maneiras de ajudar um amigo numa hora dessas é estar com ele em discreta lealdade e assegurar-lhe que tudo passará. A princípio não nos acreditará, dizendo que não sabemos o que estamos falando. Mas se descobrir que nossa preocupação por ele é autêntica, a afirmação de nossa própria confiança nos constantes cuidados e interesses por ele, da parte de Deus, vão contribuir muito para a sua recuperação. A depressão é em geral a raiva voltada para o próprio interior. A pessoa não se permite manifestar a raiva porque teme ser rejeitada e abandonada, e assim descarrega suas energias e tensões internamente. A depressão pode exprimir-se pela recusa de ver os aspectos bons da vida cotidiana, em encontrar razões para não sair de casa. Geralmente sobrevivem sem interesse ou desejo para o amanhã.

2.3 – Solidão e Sentimento de Impotência: A solidão é a emoção mais frequente e durável que a pessoa enlutada experimenta. Poderá durar por toda a vida. Ela é a combinação de um sentimento de vazio com a ilusão de viver e conviver a vida com a pessoa que não existe mais. Torna-se mais intensa de noite, nos fins de semana, no Natal, na Páscoa, nos aniversários ou em alguma data importante para a família. Ninguém pode arrancar a dor do enlutado, porque ninguém pode tirar do coração o amor.

O sentimento de impotência é a incapacidade de organizar o próprio tempo e os objetivos da vida, dificuldades de tomar iniciativas ou decidir, medo do futuro e falta de segurança. Este sentimento pode manifestar-se mais intensamente nas pessoas que foram dependentes do seu cônjuge, ou viciadas e se encontram agora na dificuldade de organizar as contas, de dirigir o carro, e que são obrigadas a encontrar um companheiro para poderem se manter. Quanto maior for a dependência, tanto mais difícil será readquirir a confiança em si mesmo. Neste caso o enlutado deve ver no seu pastor, no seu conselheiro, uma pessoa que tem profundo interesse em ajudá-lo. Se isto ocorrer, então meio caminho já foi andado.

3 – REAÇÕES ESPÍRITUAIS

3.1 – Sentimento de Culpa: É sentida de diversas maneiras. É, em primeiro lugar, uma necessidade de autoacusação: "Por que não me dei conta de quanto ele estava doente?" Pode também ser um sentimento de lamentação por não ter-lhe dado aquelas coisas boas e esquecer as debilidades e as falhas. O sentimento de culpa é um componente da vida. Se formos capazes de identificar nossa culpabilidade, tornar-nos conscientes dela e superá-la, ela torna-se um agente de maturação. A sinceridade consigo mesmo e a manifestação deste sentimento podem apressar o processo de cura. Mostrar-se forte, colocar uma máscara, pretendendo não ter problemas pode atrasar a cura. O sentimento de culpa é uma reação normal à ferida causada pela morte. Todos nós ferimos a pessoa a quem amamos, de uma ou de outra forma, dizendo palavras ásperas ou agindo de forma impaciente e egoísta. A perda de uma pessoa querida nos fere, mas as feridas surgem para serem curadas. No entanto, o enlutado deve querer a cura. Ele não pode agir como uma criança que fica tirando a casca da ferida. Mesmo que a vida pareça ter perdido o seu significado, com a perda da pessoa que mais amava, ela precisa continuar. Se nos

sentimos culpados, devemos procurar o perdão. Nesta hora, é importante que o pastor mostre ao enlutado a divina graça de Deus. O perdão que Cristo nos deu através de sua morte na cruz. Ao enlutado devemos confortar, e dizer-lhe a não ter medo ou vergonha de falar sobre seus sentimentos de culpa. A pessoa enlutada deve desabafar, pôr para fora seus sentimentos de culpa.

3.2 – Ausência de Sentido: A pessoa enlutada vive em geral a experiência da falta de objetivo e de significado na vida, já que a pessoa amada morreu: "Agora para mim não existe mais nada, porque Deus não me leva também?" A falta de respostas claras sobre a vida aqui neste mundo e a sensação de não termos o controle da vida leva a duvidar de que existe um ser supremo, Deus de amor. Queremos saber com segurança o que aconteceu à pessoa, após a morte, se está em paz, se a vida continua realmente ou não. A pessoa enlutada precisa muito da atenção de seus amigos cristãos, da pessoa do ministro da Palavra de Deus. Senão, em alguns casos, é vítima do Espiritismo ou de outras seitas.

3.3 – Aceitação: Devemos dar tempo ao tempo para o enlutado aceitar a morte. A aceitação da morte permanece como condição necessária para continuarmos nossa jornada pela vida. Não haverá melhoras, até que a enfrentamos. Muitas vezes é difícil compreender que o que aconteceu foi real e a vida mudou. O que é importante, é compreender o que aconteceu. O único meio de lidar com a morte é admiti-la. Não podemos lutar contra ela. Só podemos aceitá-la, não importando quão penosa possa ser.

4 – REAÇÕES SOCIAIS:

4.1 – Ressentimento: Pode sentir-se ofendida e ressentida se alguém com boas intenções, deixar de recordar o falecido. É como se quisesse

dizer: "Ninguém, amigos ou familiares, se incomoda mais em lembrar ou chorar comigo. Gostaria de gritar bem alto: Conversem comigo! Conversem comigo!"

A maior necessidade do enlutado é ter alguém para compartilhar sua dor, suas lembranças, sua tristeza. Na vida só podemos aceitar aquilo que podemos compartilhar. As pessoas enlutadas precisam de alguém que lhes dê tempo e espaço para sofrer.

Nossas lembranças e sentimentos partilhados com pessoas que estão sofrendo, é particularmente útil e terapêutico. Nós aprendemos a entender nossa experiência como normal... a estar atentos às diferentes maneiras de luta... a compreender que as respostas para o nosso sofrimento e para a nossa vida estão dentro de nós, no momento em que nos tornamos livres para dar e receber de maneira franca e carinhosa.

4.2 – Sentimento de não pertence: Sente-se uma carta fora do baralho. A sociedade é basicamente voltada para o casal. Pessoas sozinhas sentem-se deslocadas. A pessoa enlutada experimenta, por vezes, medo de reentrar na sociedade e ansiedade em restabelecer novos relacionamentos. Para evitar novos sofrimentos e proteger-se da própria vulnerabilidade, fica em casa. A casa torna-se uma fonte de conforto e ao mesmo tempo um ninho de tristeza. Para preencher o vazio e superar o sentimento de solidão liga o rádio e a TV e assiste programas sem parar, o rumor e a música são um meio para cobrir o silêncio de uma casa vazia. Para superar a dor, o enlutado não deve só esperar ser compreendido. Procurar a companhia de outros que passam pela mesma experiência lhe fará bem. É ajudando outros que se encontram em situação idêntica que ele apressará sua cura. E acima de tudo, deve olhar para o futuro eliminando atitudes como: "Não há nada que me faça feliz!" Tomar decisões sobre sua vida o ajudará a ganhar algum controle sobre ela e aumenta a autoconfiança.

4.3 – Sentimento de Transformação: Na dor, a pessoa muda sua própria imagem. Gente quieta e passiva pode tornar-se extrovertida e ativa, e vice-versa. Muitas pessoas frias aprendem a ser humanas e a falar com o coração. Aprende a fazer coisas que nunca tinha feito antes e cada novo resultado alcançado ajuda a pessoa a sentir-se novamente bem na vida. A ajuda e o conforto dos amigos são muito importantes, pois leva a pessoa enlutada a sentir que não é deixada sozinha, que tem valor. Aprende assim a adaptar-se aos novos papéis (viúva, viúvo). A perda de uma pessoa querida é uma das piores coisas que pode nos acontecer neste mundo, mas é também um meio de Deus nos educar, amadurecer, fazer olhar para o alto, levar a descobrir novos valores, levar a fazer novas amizades e nos fazer ver que este mundo não é nossa verdadeira e definitiva pátria.

A BÍBLIA E O LUTO

A Bíblia é um livro realista que descreve a morte e sofrimento subsequente de muitas pessoas. No AT, lemos sobre a presença de Deus quando "andamos pelo vale da sombra da morte"; lemos descrições de pessoas sofrendo momentos de perda e perturbações, aprendemos que a Palavra de Deus fortalece os que sofrem; e somos apresentados ao Messias como "o homem de dores e que sabe o que é padecer...Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si" (Is 53.3-4).

1.1 - Cristo e o significado do luto: Os incrédulos que sofrem sem esperança para o futuro são muitos. Para esses, a morte é o final de relação. Mas o cristão não pensa desta forma. Em duas passagens mais claras sobre este assunto no NT, aprendemos que "se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em companhia os que dormem" (1 Ts 4.14). Podemos

"consolar-nos uns aos outros com estas palavras" (1 Ts 4.18) convencidos que no futuro "os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados... E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória" (1 Co 15.52-54). Para o cristão, a morte não é o fim da existência, mas a entrada da vida eterna. Aquele que crê em Cristo sabe que os cristãos estarão "para sempre com o Senhor". A morte física continua presente porque o diabo tem "o poder da morte", mas devido à crucificação e ressurreição, Cristo derrotou a morte e prometeu que aquele que vive e crê nele "jamais morrerá" (1 Ts 4.17; Hb 2.14-15; 2 Tm 1.10; Jo 11.25-26). Assim, os crentes são encorajados a se manterem firmes, inabaláveis e fazendo sempre a obra do Senhor uma vez que tais esforços não são em vão quando temos a segurança da ressurreição.

1.2 - Cristo demonstrou a importância do luto: Bem cedo em seu ministério, Jesus pregou o Sermão do Monte e falou sobre o sofrimento: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados", disse Ele. O choro foi tomado como certo. Ele era aparentemente visto como um sinal positivo, visto que é citado entre um grupo de qualidades desejáveis como a mansidão, humildade, misericórdia, pureza de coração e pacificação. Talvez possamos presumir de acordo com esta passagem que sem o choro, não será possível oferecer consolo.

Quando Lázaro morreu, Jesus ficou perturbado e profundamente comovido. Ele aceitou, sem comentários, a ira aparente de Maria, irmã de Lázaro e chorou com os que estavam se lamentando. Jesus sabia que Lázaro logo seria ressuscitado dentre os mortos, mas mesmo assim o Senhor sofreu. Ele também se afastou amargurado ao saber que João Batista tinha sido executado. No Jardim do Getsêmani, Jesus ficou "profundamente triste", talvez com uma tristeza antecipada, mas

intensa, semelhante a experimentada por Davi ao observar a morte de seu filho pequeno.

O ACONSELHAMENTO

A Escritura nos serve de orientação e guia. O capelão, tem uma importante tarefa a cumprir com os que choram a perda de uma pessoa amada. Em Tg 1.27 fala-se em "visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações..." Este texto mostra com muita clareza que os enlutados devem ser assistidos. A história da ressurreição do filho da viúva de Naim mostra que Jesus se compadeceu da viúva e restituiu a vida ao filho da viúva.

O capelão, em suas primeiras visitas ao enlutado, deve fazer sentir ao enlutado que o quer ajudar, que o quer ouvir sua aflição e dor. E para que isto aconteça é importante ajudar o enlutado a falar sobre a pessoa amada e as causas da morte. Ajudar a lembrar os bons momentos juntos que passaram quando em vida. O capelão deve se colocar como um ouvinte atento, escutar o que o enlutado tem a dizer. É bom que o enlutado ponha para fora os seus sentimentos.

O capelão como ouvinte deve estar atento para com os sentimentos do enlutado. Deve estimular todos os esforços de pessoa enlutada, para que enfrente a crise com toda maturidade. Deve trabalhar através dos sentimentos feridos. No entanto, quando o capelão encontra, ou percebe que seu trabalho de aconselhamento está sendo bloqueado, deve então encorajar a pessoa a falar sobre sua afinidade com o falecido, e continuar a fazê-lo até que os elementos negativos sejam superados.

O luto deve ser curado de dentro para fora. O enlutado deve pôr para fora todos os seus sentimentos em relação ao falecido. Isto nem sempre é fácil. O capelão, deve procurar facilitar ao enlutado o caminho

à nova realidade. Ouvir o enlutado e estar ao seu lado é muito importante.

A Palavra de Deus no aconselhamento é fundamental. O enlutado deve saber que a vida é regida por Deus. Que nossos planos não são os planos dele. Que todos, mais cedo ou mais tarde, vamos partir. Que esta vida aqui é apenas um preparo constante para a vida eterna com Deus. Cabe-nos dialogarmos com os enlutados e mostrar-lhes que Deus é o autor da nossa vida, sabe e faz tudo para o bem daqueles que o amam.

BIBLIOGRAFIA

- 1 BATCHELOR, Mary. Caminhando com a dor. São Paulo: Paulinas, 1991.
- 2 BAUMAN, Harold. Superando o Luto. São Paulo: Paulinas, 1991.
- 3 BIBLIA SAGRADA, João Ferreira de Almeida, 2º ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- 4 COLLINS, Gary. Aconselhamento Cristão. trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- 5 FABER, Breno. O Aconselhamento Pastoral na Crise do Enlutado, Ig. Lut. III Trim., 1984, pg.10-14.
- 6 KISSLER, Breno. Aconselhamento e Assistência a Enlutado. Ig. Lut. III – IV Trim., 1984, pg.14-21.
- 7 OLINTO, Rubem. Luto: Uma dor perdida no tempo. Rio de Janeiro: Vinde Comunicações, 1993.
- 8 REGAUER, Elmar. A Dor do Enlutado: Compreenda-o. Santa Maria: CEL "Cristo", 1986.
- 9 ROSA, Rubem. Aconselhamento Pastoral à Enlutados. MonoGrafia apresentada à Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia. São Leopoldo, 1985.



Capelania Prisional

Prof. Evanio das G. Donato

Lembraí-vos dos presos como se estivésseis presos com eles e dos maltratados como sendo-o vos mesmo também no corpo"

– Hebreus 13:3.

Aula de Capelania Prisional

Prof. Pr. Evanio das Graças Donato

Baseada no Livro Capelania 360º - Autor: Antonio Carlos Junior

Introdução

A capelania prisional tem como objetivo alcançar os que estão atrás das grades, prestando assistência espiritual e social, transmitindo aos presidiários, agentes, funcionários, e familiares de presidiários; as boas novas do Evangelho, independentemente de religião, condição social, raça, cor e sexo.

Uma vez que, os presídios são um vasto campo missionário. Basta olharmos para os números:

- 1- População encarcerada no Brasil esta em aproximadamente 700 mil pessoas em celas.
- 2- Cerca de 150 mil em prisão domiciliar.

Um dos gargalos da Capelania prisional é que muitos pensam que presos merecem sofrer, porque cometeram crimes. A ainda aqueles que pensam que bandido bom é bandido morto. Porem precisamos estar atentos pois todos nós somos passíveis de cometer erros e podemos cair em comportamentos condenáveis.

Quando pensamos em Capelania prisional devemos ter em mente a maneira de Jesus trabalhar com os condenados. Veja esta história:

Jesus, porém, foi para o monte das Oliveiras. Ao amanhecer ele apareceu novamente no templo, onde todo o povo se reuniu ao seu redor, e ele se assentou para ensiná-lo. Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus:

"Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz? "

Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e começou a

escrever no chão com o dedo. Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse:

"Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela".

Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão. Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando com os mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele. Então Jesus pôs-se de pé e perguntou-lhe:

"Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou? "

"Ninguém, Senhor",

Disse ela. Declarou Jesus:

"Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado". João 8:1-11.

O Porquê da Capelania Prisional

Meus queridos, podemos pontuar dois motivos para fazermos capelania prisional:

- a- Primeiro, porque um dia a pena vai terminar e aí, o que será do ex presidiário? devemos lembrar que no Brasil a pena máxima de prisão é de 40 anos, e muitos detentos retornarão à sociedade, quando isto acontecer, se nós não fizermos nada, esses indivíduos podem sair cheios de ódio e desejo de vingança. E o caminho para mudar isto passa pela CAPELANIA PRISIONAL.

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Rom 12:1-2)

b- Segundo porque os presidiários tem o direito a assistência religiosa, uma vez que, os encarcerados devem ser privados da ampla liberdade de ir e vir, mas mantêm resguardados os demais direitos inatos a toda pessoa (CP, art. 38: "O preso conserva todos os direitos não atingidos pela perda da liberdade, impondo-se a todas as autoridades o respeito à sua integridade física e moral.") Por isso, o preso tem o direito de ser assistido espiritualmente. (DIREITOERELIGIÃO, 2024).

"Lembra-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles"

(Hebreus 13.3).

Tipos de Prisão no Brasil

Prisão temporária: serve como medida auxiliar durante uma investigação criminal. Geralmente se aplica quando o indiciado **não tiver residência fixa**, ou se não fornece elementos suficientes para esclarecer sua identidade; ou se houver **"fundadas razões"** de que ele foi o autor ou participante de crimes como homicídio doloso

(quando há intenção de matar), sequestro, roubo, extorsão, quadrilha, tráfico de drogas, entre muitos outros.

Prisão preventiva: os motivos que justificam seu uso. São eles:

- a **garantia da ordem pública**
- a **conveniência** ou seja, para evitar que o réu atrapalhe as investigações, ou fuja do país para não ser preso);
- e quando houver **prova e indício suficiente** da autoria do crime.

Prisão em flagrante: acontece quando uma pessoa é encontrada "**em flagrante delito**". Normalmente, a prisão em flagrante ocorre no momento ou pouco depois de acontecer um crime. Mas pode até levar mais tempo. Segundo a lei, o flagrante delito pode significar que:

- a pessoa está cometendo um crime no momento da prisão;
- acabou de cometer um crime;
- é perseguida **logo após** ter cometido um crime (o perseguidor pode ser uma autoridade policial, a vítima do crime ou qualquer outra);
- ou é **encontrada logo depois** de um crime com objetos que façam crer que ela foi a autora.

Prisão preventiva para fins de extradição: A legislação brasileira prevê a prisão preventiva específica para casos de extradição. A extradição é um **processo de entrega de uma pessoa a autoridades de um Estado estrangeiro**, que normalmente acontece a pedido desse Estado.

O que vamos encontrar nos presídios

O capelão precisa entender que dentro de um ppresidio vamos deparar com diversos tipos de detentos, ou seja, maneiras diferentes de aceitação ou não da capelania. Vamos listar algumas:

Primeira: o detento se recusa a se desvincular do crime, mesmo sabendo das consequências negativas da criminalidade.

Segunda: é possível que o preso tenha o desejo genuíno de se recuperar, porém encontre obstáculos por não ter acesso aos meios adequados para alcançar essa reabilitação.

Terceira: nesse caso o criminoso não busca a mudança porque simplesmente não acredita que seja possível. Devido à sua profunda imersão nesse mundo, o indivíduo pode achar que a delinquência é a única opção viável para sua vida.

Sendo assim, o capelão precisa estar atento pois, a ressocialização do criminoso apenas será efetiva se houver a vontade genuína do preso em corrigir sua conduta. Ele precisa querer a mudança, ou seja, reconhecer a necessidade de mudança e estar disposto a buscar a sua reintegração à sociedade.

Como capelão, podemos oferecer valores, princípios e orientações que auxiliaram no processo de transformação deste indivíduo.

Ressocialização

É através da ressocialização que se espera que o condenado se reeduca, adquira habilidades, modifique seu comportamento e, possa

assim, se reintegrar de forma positiva à sociedade após o cumprimento da pena.(JUNIOR, 2023). Toda prática que visa reintegrar na sociedade pessoas que foram punidas pela execução de crimes, evitando a reincidência destes atos e promovendo sua participação ativa na vida social é chamada de ressocialização e também é um direito do preso, art. 41 da Lei de Execução Penal.

Sendo assim, é necessário um esforço conjunto de todas as partes envolvidas, capelães, autoridades, profissionais prisionais e a sociedade em geral, para garantir a ressocialização, ou seja, que a prisão cumpra seu objetivo que é de promover a reintegração social e a diminuição da reincidência.

A capelania pode ser muito útil nesta missão de ressocialização, uma vez que, o Evangelho trabalha promovendo a esperança e junto da esperança a mudança de vida, ou seja, do modo de viver do indivíduo, afim de conseguir viver em sociedade e ser bem sucedido nesta, além de leva-lo a refletir sobre a vida após a morte.

Capelania seu papel na Ressocialização

Uma vez que a capelania atua como apoio espiritual e emocional, é possível proporcionar aos detentos uma oportunidade de transformação e reconstrução de suas vidas, por meio do ensino Cristão que está baseado na bíblia sagrada. Era isto o que Jesus propôs para a humanidade quando pregava nesta terra.

Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança. E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu. Rm 5:3-5.

Neste texto temos nossa base para acreditar na ressocialização baseado no trabalho do capelão.

- 1- Tribulação produz perseverança;
- 2- Perseverança um caráter aprovado;
- 3- Caráter a provado, esperança.

Podemos pontuar por tribulação o cumprir a pena, ao ensinar o preso a aceitar e procurar cumprir sua pena com dedicação, fara que ele ocupe seu tempo com as demais atividades propostas pelo sistema prisional e tenha seus dias de pena diminuídos e assim seu tempo total abreviado. Ou seja, perseverança.

Perseverança, ao cumprir seu tempo com dedicação, aplicando seu pensamento nas atividades, é bem certo que seu caráter será mudado, pois aprenderá a valorizar as coisas boas da vida, as pessoas o seu semelhante. Como disse, caráter aprovado.

Caráter aprovado, agora com esta nova maneira de viver e pensar, seu coração estará cheio de esperança para viver seus dias restante nesta terra.

Recomendações aos Capelães

1) Perceba o presídio como um campo transcultural, com regras próprias de convivência e de sobrevivência, em que o sujeito detido é obrigado a viver de acordo com aquelas normas.

2) Verifique qual é a realidade específica daquele presídio que você visita:

2.1) Regimes prisionais ali existentes;

2.2) Número de dependentes químicos e grau de dependência;

2.3) Detentos com penas muito longas, o que nem sempre significa grande envolvimento com o crime;

2.4) Se existe separação entre os criminosos “profissionais” (adotaram o crime como estilo de vida) e os “eventuais” (o crime foi um fato isolado);

2.5) Se há o “seguro” (via de regra, ocupado por milicianos e condenados por crimes sexuais, como estupro).

2.6) Se existem celas, galerias ou pavilhões ocupados exclusivamente por detentos que dizem pertencer a uma determinada religião;

3) Mulheres demandam intervenções específicas, a exemplo de itens de beleza e de maquiagem, bem como um cuidado especial com seus filhos;

4) Conheça o que já existe de religioso no local: quais igrejas visitam, quem são os presos-pastores levantados pelos próprios detentos, e quais projetos já estão em andamento;

Projetos que podem ser desenvolvidos no Presídio

1) Realize um projeto mais abrangente:

- a. **Cultural:** aulas de canto ou de instrumento;
- b. **Esportivo:** futebol, vôlei ou peteca, por exemplo;
- c. **Social:** ajude os presos a escrevem cartas para seus familiares;

- 2) Busque o apoio da direção prisional e desenvolva projetos para os Policiais Penais (antigos Agentes) e para o corpo técnico da unidade, realizando cafés e palestras em datas especiais (a exemplo do Dia das Mães, Dia dos Pais, e Dia do Servidor Público);
- 3) Procure envolver a igreja em todo o projeto – mesmo que as pessoas não aceitem visitar o cárcere, estimule-as à oração e ao discipulado através de cartas;
- 4) Estabeleça parcerias para a montagem e a estruturação de biblioteca, estimulando a leitura e promovendo a remição (redução) da pena;
 - a. Pense na implantação de cursos bíblicos dentro da unidade prisional, capacitando os presos-pastores;
 - b. Promova uma celebração pela conclusão dos estudos e para o recebimento dos certificados, se possível convidando os parentes dos detentos;
- 5) Encoraje-os a trabalharem na cadeia – você também pode buscar parcerias com empresários para a contratação de mão de obra;
- 6) Estenda seu projeto às vítimas – para além dos presos e dos funcionários, seu projeto pode incluir as vítimas dos crimes, por exemplo, através da *Justiça Restaurativa*;
 - a. A *Justiça Restaurativa* é um método alternativo de solução de conflitos que pretende unir todos os envolvidos na busca pela restauração das relações, pela reparação dos danos e pela recuperação social daquele que cometeu o delito. A tônica nesses encontros deve ser a do perdão, que permite à vítima diminuir o impacto dos traumas sofridos e dá ao agressor a oportunidade de mudar seus valores para a ressocialização;

O Capelão e os familiares dos presos

- 1) Se importe com a família dos presos:
 - a. Lembre-se que quando sair da cadeia o detento retornará para a família;
 - b. Por questões de segurança, monte sua equipe de modo que um mesmo capelão não realize visitas à prisão e às famílias dos detidos;
 - c. Converse com os parentes, por exemplo, oferecendo um café antes do horário das visitas familiares;
 - d. Auxilie na obtenção de benefícios governamentais oferecidos às pessoas de baixa renda;

Trabalhando em equipe

Na maioria das unidades prisionais a assistência religiosa é prestada nos dias úteis da semana, pela manhã ou à tarde; ou seja, justamente no horário em que muitos dos membros de nossas igrejas estão trabalhando; por isso recomendamos que:

- 1) Reúna periodicamente os capelães para um encontro, abrindo espaços para o testemunho de êxitos, fracassos e dificuldades na operacionalização do trabalho;
- 2) Cumpra o que você disser;

3) Nunca prometa algo que você não poderá fazer ou que exija o compromisso de outra pessoa com a qual você não acordou pessoalmente sobre o assunto;

Comportamento do Capelão

- 1) Como os presos vão te pedir muita coisa – de artigos de higiene a entrega de recados, passando por Bíblias e materiais os mais diversos –, **tome o cuidado de não responder por impulso e assumir um compromisso;**
- 2) **Seja pontual** – a ausência da sua equipe tende a ser interpretada como descaso tanto pela direção da unidade quanto pelos próprios detentos, o que em muito prejudicará como eles receberão as palavras que lhes forem ministradas;
- 3) **Cumprimente a todos:** num ambiente em que reina o descrédito e a desconfiança, se você estendeu a mão para um preso, faça o mesmo com todos os demais que estiverem presentes;
- 4) Não se dirija aos detentos **invocando apelidos** que os remetam ao mundo do crime, mas sim por seus nomes;
- 5) **Não comece um diálogo perguntando o motivo** de a pessoa estar presa ou o crime que ela cometeu: tais questões estarão presentes no processo de discipulado, mas não em um primeiro momento;
- 6) Seja claro em suas mensagens: evite o uso de uma linguagem

muito formal, especialmente por conta do baixo nível de escolaridade dos presos;

- 7) Não converse usando palavras com duplo sentido ou que possam dar margens a interpretações divergentes, pois isso pode fazer o preso “viajar”;
- 8) Tome extremo cuidado com o tipo de roupa e de acessórios que usará quando fizer uma visita à prisão – para as mulheres, nunca usem decotes ou qualquer vestimenta que valorize seus corpos;
- 9) Monte formulários de atendimento (inclusive para os casos de aconselhamentos individuais), que devem ser preenchidos com as informações que sua equipe julgar relevantes – insira, por exemplo, dados sobre quantidade de presos atendidos, texto-base usado para o discipulado em determinado dia, realização de batismos e ceias, entrega de materiais bíblicos, intercorrências na prestação da assistência religiosa e quantidade de visitantes;
- 10) Tome cuidado especial com o sigilo.
- 11) Tome cuidado para não “falar mal” do trabalho de outras igrejas ou denominações;
- 12) Cuidado com “usos e costumes”: O que importa para eles é a libertação do pecado, conquistada por Jesus, e não fatos secundários à fé. Com isso não estou dizendo que você não deve expor, quando questionado, sobre os “usos e costumes” da sua denominação, mas, sim, que eles não devem ser um fator relevante na mensagem anunciada;
- 13) Não “agarre” em uma cela e deixe de atender às demais.

Trabalhando cada preso individualmente

Estas são algumas questões que o capelão deve buscar ter conhecimento em relação ao detento para realizar um trabalho eficiente na sua restauração.

- 1) Onde nasceram?
- 2) Qual a história da família?
- 3) Como foi a sua criação?
- 4) Mantém bom relacionamento com os pais e irmãos?
- 5) Recebe visitas? Qual a frequência?
- 6) Está arrependido do(s) crime(s) que cometeu?
- 7) Está aberto para o evangelho?
- 8) Com relação à família, é necessário saber qual o impacto que o crime e a prisão deste familiar causou à família?
- 9) Ele era o provedor da casa?
- 10) **Em caso de mulher**, tem filhos?
- 11) Esposo?
- 12) Com quem estão as crianças?
- 13) Elas estão sendo supridas?

Conclusão

Meus queridos capelães, entendam o papel de Deus em toda a capelania, saiba que você será apenas um instrumento por meio do qual Ele alcançará as pessoas que estão presas; uma vez que a mudança verdadeira é operada de dentro para fora, através da conversão, e isso só o Espírito Santo pode realizar.

Fontes:

lei da Prisão Temporária | Lei nº 7.960, de 21 de dezembro de 1989 (jusbrasil.com.br)

Legislação comentada - artigos 302/303 do CPP - prisão em flagrante | Jusbrasil

Legislação comentada - artigos 302/303 do CPP - prisão em flagrante | Jusbrasil

stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=103323

Espécies e requisitos da prisão cautelar (Informativo 527) | Jusbrasil

Espécies e requisitos da prisão cautelar (Informativo 527) | Jusbrasil

Código Processo Penal | Decreto-lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941
(jusbrasil.com.br)

<https://direitoereligiao.com.br/a-capelania-prisional-como-um-direito/> - acessado em 4 de janeiro de 2024.

Esta apostila é editada por Evanio das Graças Donato, baseada no curso Capelania 360°. Primeira publicação em Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil 2023.